

O movimento de chegada e permanência de trabalhadores no Jacarezinho orienta “Querer ficar, mas ter que partir”, espetáculo que estreia nesta quinta (17) no Teatro II do Sesc Tijuca. Idealizada por Natália Brambilla, a montagem leva ao palco uma investigação sobre migração, trabalho, pertencimento e as transformações urbanas de um território decisivo para a história industrial da Zona Norte.

A dramaturgia de Pedro Emanuel parte de pesquisas sobre o crescimento do Jacarezinho desde os anos 1960, período em que o Complexo Industrial do Jacaré atraiu pessoas de várias regiões do país. Em torno das fábricas, formaram-se moradias, relações de trabalho, comércio e redes comunitárias. A peça observa o que essa dinâmica construiu e também as marcas deixadas pelo declínio industrial sem, no entanto, reduzir a favela a um retrato de carências.

A memória familiar de Natália entra como um dos fios do projeto. Sua mãe, Elida, saiu de Minas Gerais aos 14 anos para procurar trabalho no Rio e conseguiu seu primeiro emprego em uma fábrica do Complexo Industrial do Jacaré. A experiência atravessa a criação da peça e aproxima a história particular de outras trajetórias de deslocamento que ajudaram a constituir o bairro.

“O fechamento das fábricas, as crises econômicas e o desemprego alteraram profundamente a dinâmica do território, deixando marcas de abandono, pobreza e violência. Mas, para além das perdas, a mon-

Os filhos da decadência industrial

‘Querer ficar, mas ter que partir’, criação da Cia Cria do Beco, reúne artistas com vínculos com favelas cariocas.



Leo Lima/Divulgação

O espetáculo reúne em seu elenco Jeff Melo, Natália Brambilla, Anderson Oli e Taty Aleixo, jovens artistas negros, universitários e moradores de favelas cariocas

tagem se interessa pelas formas encontradas pela população para recriar, resistir e produzir novos sen-

tidos para o lugar”, afirma Natália. “A cultura surge, assim, como uma das principais ferramentas de rein-

venção e afirmação da comunidade”, explica.

Realizado pela Cia Cria do

Beco, o espetáculo reúne Jeff Melo, Natália Brambilla, Anderson Oli e Taty Aleixo, jovens artistas negros, universitários e moradores de favelas do Rio, muitos deles ligados a experiências de migração.

Na encenação, o Jacarezinho aparece como território de memória e de criação. A história da Unidos do Jacarezinho, fundada em 1966 por Dona Andressa Moreira da Silva, integra esse campo de referências, assim como artistas associados ao lugar, entre eles Lacreia, MC Serginho e MC Nem do Jacarezinho. “Estamos preparando um terreno onde a potência da criação é também uma forma de construir território e afeto”, destaca o diretor Rei Black, para quem a favela “não aparece apenas como cenário ou lugar de carência, mas como cosmos: um território vivo, complexo, criador de mundos, relações, tecnologias de sobrevivência e modos próprios de existir”. A imagem do rio, presente no projeto, funciona como passagem, fronteira e memória, em paralelo aos deslocamentos das personagens.

Com 80 minutos de duração e classificação para maiores de 12 anos, “Querer ficar, mas ter que partir” oferece um recorte de teatro documental e ficcional ancorado em pesquisa, memória familiar e experiência coletiva.

SERVIÇO

QUERER FICAR, MAS TER QUE PARTIR

Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
De 17/9 a 11/10, quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (sócios Sesc), R\$ 15 (meia) e grátis (PCG)

Memória, moradia e vida coletiva na Baixada

Indicado ao Prêmio Shell, ‘Cabeça de Porco – Retratos de um Território’, do Grupo Código, ocupa o Teatro Gonzaguinha

O Grupo Código volta ao Rio com “Cabeça de Porco – Retratos de um Território”, espetáculo que articula moradia, memória popular e vida coletiva a partir de experiências ligadas à Baixada Fluminense. A montagem ocupa o Teatro Gonzaguinha, no Centro, até sábado (19). Dirigida e escrita por Juliana França, indicada ao 36º Prêmio Shell de Teatro, na categoria Direção.

A companhia, com 21 anos de trajetória, encena uma obra que toma como ponto de partida uma crença popular: uma cabeça de porco enterrada impediria a prosperidade de um lugar. A imagem abre espaço para uma reflexão sobre precariedade, luta por moradia e os sonhos da classe trabalhadora. Mobiliza a memória do cortiço carioca Cabeça de Porco,

demolido em 1893.

No palco, seis atores usam elementos do funk e do forró para acompanhar personagens que procuram erguer algo capaz de resistir ao tempo e à instabilidade numa encenação de poesia, política e afeto que discute os estigmas lançados sobre territórios periféricos. O foco está em processos coletivos de sobrevivência e na capacidade de imaginar outras formas de viver a cidade.

O Grupo Código nasceu em Japeri e soma 13 espetáculos e 67 prêmios. A Baixada emerge como lugar de circulação de saberes, afetos e tradições africanas, indígenas, nordestinas e mineiras, em contraste com leituras que associam a região somente à ausência de infraestrutura ou à violência.



Higor Nery/Divulgação

O Grupo Código situa suas montagens no território da Baixada Fluminense

Juliana França construiu a dramaturgia em diálogo com Cecília Ripoll, responsável pela interlocução dramaturgica, e com o historiador Nielson Bezerra, interlocutor

da pesquisa histórica. O trabalho também recorre a referências de Leda Maria Martins e ao Sistema Coringa, desenvolvido por Augusto Boal. A combinação aponta para uma cena interessada na transmissão de memória, na participação e na construção de sentidos a partir de experiências populares.

O espetáculo evita separar música, movimento e texto em compartimentos rígidos. A direção musical é de Bruno W. Medsta, e Camila Rocha assina direção de movimento e preparação corporal. No elenco coletivo, a proposta recorre às expressões populares para pôr em relação passado, presente e futuro. A cena, assim, se organiza como espaço de encontro entre a história social do Rio e as formas contemporâneas

de criação produzidas fora de seus circuitos mais centrais.

A indicação de Juliana França ao Shell reforça a visibilidade de uma trajetória vinculada à Baixada. Mais que um selo de premiação, o dado ajuda a situar uma companhia que mantém atividade continuada e chega ao Centro com uma obra cujo tema não trata a periferia como margem simbólica. “Cabeça de Porco” aposta na força de grupos que constroem moradia, festa, linguagem e futuro em condições adversas.

SERVIÇO

CABEÇA DE PORCO

Teatro Gonzaguinha (Rua Benedito Hipólito, 125, Centro)
Até 19/9, quinta a sábado (19h)
Ingressos a partir de R\$ 10